

Abraçando o presente

Ao formular nossa abordagem prática para o ballet e educação da dança durante o COVID-19, não devemos esquecer que criatividade e inovação são princípios fundamentais das artes. Necessidade é mãe da invenção. É imprescindível utilizar todos os instrumentos que nos são disponíveis *agora*. A longo prazo, aceitar a situação corrente ajustando-a à nova realidade não somente fortalecerá nossa resiliência como nos tornará mais felizes.

No meio desta pandemia, eu tive uma das mais extraordinárias experiências profissionais da minha vida. Esta vivência enalteceu e elevou meu espírito, me possibilitando a capacidade de navegar mares adentro. Me ajudou a enriquecer meus pensamentos. Abriu-se um caminho de possibilidades neste novo mundo do ballet em época de coronavírus.

Ensinar dos Estados Unidos para o Brasil.

Muitas luas atrás, fui aluna de Giane Teixeira. Ela foi minha principal professora na Escola Vera Bublitz, ao lado de Carla Bublitz e Maria Amélia Barbosa. Elas cultivaram o meu treino de dança na minha adolescência. Giane agora vive em Farroupilha, sua terra natal, onde sua irmã Lizete Teixeira tem um estúdio de dança e onde Giane segue ensinando ballet. Neste período de pandemia, nos reconectamos via ligação no WattsApp. Foi como se o tempo tivesse parado. Retomamos nossa amizade justo como a deixamos no passado. Após horas de conversa, um sentimento encantador de empatia e respeito emergiu. Que coisa linda! Ter uma mentora que disponibiliza seu tempo para reconectar comigo foi profundamente tocante. Após algumas trocas de idéias, começamos a ensaiar a possibilidade de uma aula mestre.

Nas minhas idas ao Brasil em visita à família, nunca vislumbrei qualquer oportunidade profissional e a possibilidade de ensinar em meu idioma de origem causou, então, em mim um grande entusiasmo. Agendamos um encontro Zoom às 04:30 p.m. New Orleans, 06:30 p.m. Farroupilha. Estabelecemos contatos e informações correlatas, minha mãe me ajudou a traduzir minha biografia do inglês para o português e, a partir daí, todas as peças necessárias entraram em movimento.

Foi maravilhoso eu poder “retornar para casa” via Zoom.

No dia da aula, janela após janela das meninas brasileiras foram se abrindo na tela do meu computador. As professoras apareceram e me apresentaram. Precisei avisá-las que “nos muitos anos desde ter saído do Brasil, eu jamais dei uma aula em português. Eu tenho certeza de que vou

tropeçar em meus muitos hábitos de ensinar em inglês. Tenham somente paciência comigo.”

Elas tiveram. Às vezes, um passo era metade em inglês e metade em português. Seguimos em frente. Foi uma experiência única e o grupo não poderia ser melhor. Cada dançarina em sua casa no Brasil estudando ballet exatamente como minhas alunas em New Orleans. Mas nós fomos além. Cruzando mundos. Para elas era uma experiência nova estudar com uma dançarina profissional brasileira que vive em outro país, durante a pandemia. Para mim era como um retorno a casa. Era a minha chance de fazer minha antiga mentora orgulhosa e mostrar a ela o que eu aprendi ao longo destes muitos anos.

Isto significa o que é ter uma mentora e o que é ser uma mentora. A energia nunca é perdida. É apenas transformada. Ensinar as alunas de Giane foi de uma alegria em nível difícil de se encontrar, principalmente em tempos de Covid-19. Me sinto feliz por esta experiência que muito me ajudou a seguir adiante.

Muito grata sou a Giane e Lizete pelas boas vindas à escola delas e por me honrarem com tal presente, o de ensinar suas alunas. Esta experiência me faz lembrar quem eu sou e de como eu posso manter minha criatividade viva. Há ainda muito treino que pode ser feito via Zoom e eu estou pronta para os desafios que se anunciam. E você?

Tradução: Maria de Jesus Monteiro.